

AGORA

A PARTIR DESTA SEGUNDA-FEIRA, OS DOENTES GRAVES COM PRECATÓRIO DA PREFEITURA DE SP DESDE 2001 PODERÃO FAZER ACORDO PARA TER A GRANA ANTES

A partir de segunda-feira, os credores com precatório alimentar de 2001 da Prefeitura de São Paulo poderão participar dos acordos para a grana sair antes. Apenas doentes graves poderão participar. Veja, ao lado, as datas para fazer o pedido, que va-

riam com a ordem da dívida. Para os precatórios alimentares, o município irá oferecer 95% do valor a que o credor tiver direito. Entram na lista doenças como tuberculose ativa, esclerose múltipla e hanseníase. O teto a ser pago é de R\$ 100 mil.

Também serão feitos acordos para dívidas não alimentares que estiverem na fila de pagamento de 1996. Nesse caso, a prefeitura irá oferecer 50% do dinheiro.

Segundo a Secretaria de Governo e Negócios Jurídicos, nesse primeiro lote existem 197 precatórios alimentares e 304 de outras espécies. Há cerca de 5.500 credores de precatórios alimentares.

O que fazer

Na data da convocação, o credor deverá registrar o pedido no viaduto Maria Paula, 270 (região central), das 11h às 16h. Será preciso preencher um formulário na internet, no site www.prefeitura.sp.gov.br/precatórios, e apresentar a lista de documentos exigidos para fechar o acordo (que inclui laudo médico da doença).

Depois do pedido, o credor terá de esperar a prefeitura analisar os documentos. Só depois ele saberá se o acordo foi aceito. (Luciana Lazarini)

É COM VOCÊ

Hospital não presta bom atendimento

● O que vi na noite do dia 28 de dezembro de 2010 no Hospital Municipal do Tatuapé foi muito impressionante. Por volta das 21 horas, tive de ir ao pronto-socorro, pois minha sogra estava passando mal e recebi um péssimo tratamento. A médica plantonista nos atendeu de forma mal-educada, intransigente e arrogante. Apesar de a minha familiar estar tendo uma convulsão, ficamos parados na porta do consultório cerca de 15 minutos. E, para me surpreender ainda mais, a profissional começou a prescrever o medicamento de longe e, quando reclamei, ela afirmou que já tinha visto a paciente dali, da sua mesa, e já sabia o que receitar. Nesse momento, eu já tinha em mãos todos os exames médicos feitos pela minha sogra, mas a médica nem se preocupou em olhar o histórico hospitalar. O pior é que ela apenas receitou um relaxante. O hospital não estava cheio e, mesmo assim, tivemos um atendimento vergonhoso e, infelizmente, a minha sogra morreu. Exijo que providências sejam tomadas em relação a essa profissional, pois vidas estão em jogo e ela não pode tratar com tanto descaso. **Wylter E. de Moraes Machado,** CAPITAL

Fotoleitor

Claudio Barreto



Buracos tornam trânsito perigoso em Guaianases

» O asfalto da Estrada Itaquera-Guaianases, na altura do número 2.250, em Guaianases, está uma verdadeira vergonha de tão esburacado. Durante a noite, um motorista desatento pode ter os seus pneus furados e a suspensão de seu veículo danificada.

Falta de iluminação pública causa acidentes

● Como cidadão, gostaria de chamar a atenção das autoridades para um problema muito grave e antigo na Vila Formosa, na zona leste: a falta de iluminação da Avenida João XXIII. Por causa desse problema, muitos acidentes acontecem na altura do número 750. As batidas são muito graves e normalmente os ocupantes dos veículos morrem. Sei que isso poderia ser

evitado se os órgãos públicos tivessem mais atenção com as reclamações dos cidadãos, mas nada é feito. Só em janeiro, cinco carros já colidiram na região e, com a chegada das chuvas, o problema só fica pior. A pista, como todos sabem, fica escorregadia com a chuva, mas ninguém quer trafegar no local com velocidade reduzida, já que a escuridão traz a criminalida-

de consigo. Já reclamei diversas vezes no Departamento de Iluminação Pública (Ilume), mas nada foi feito até agora. Quantas pessoas terão de morrer para que as autoridades percebam que esses detalhes fazem, sim, muita diferença? Isso tudo é uma grande vergonha.

Marcos de Napoli, CAPITAL

DIÁRIO DE S. PAULO

suaopinião

Natureza cobra desleixo da irresponsabilidade humana

Nossas cidades não são planejadas, a cada prédio que sobe sem qualquer responsabilidade ou estudo, a cada invasão sem fiscalização por parte dos governantes, somada à falta de educação da população no trato do lixo faz com que a cobrança da natureza seja cruel. Infelizmente, a cada ano teremos um cenário pior.

... **Marcelo de Moura, capital**

A tragédia que se abateu sobre o Rio de Janeiro, com mais de 500 mortes por conta das chuvas, é um presságio do que poderá ocorrer em breve nas encostas da Serra do Mar, em São Paulo, ocupadas por casas e barracos. A culpa deve ser compartilhada pelos moradores que ocupam essas áreas e pelo poder público que se omite e não impede a invasão. Infelizmente, teremos que assistir a muitas outras situações como essa que poderia ser evitada com o simples respeito à natureza e ao meio ambiente.

... **Ricardo Dias dos Reis, capital**

É preciso fazer campanha permanente contra o lixo

Às 23h, do dia 10/1, tentava, a todo custo, atravessar a Alameda Nothmann, em Campos Eliseos, para o outro lado da rua. Na Alameda Barão de Limeira. Foi impossível! Tenho quase 1,80 m de altura e a água batia nas coxas. A água era suja, com centenas de sacos de lixo e garrafas PETs fluindo, com ratos mortos, boiando, e até caixas com pastas de dente, desodorantes, sabonetes. Cansei de pedir à subprefeitura que limpasse os esgotos daqui; cansei de reclamar do lixo fora de horário, mas ninguém da subprefeitura está nem aí. Até quando?

... **Tomás Silva, capital**

Motofaixas são desperdício de dinheiro público

Li a reportagem "Motociclistas prometem acionar Ministério Público por motofaixa" (Dia a Dia, 13/1), em que o presidente da Associação Brasileira de Motocicletas quer acionar o MP para sua construção. Jogar dinheiro fora em uma obra que não é utilizada pela maioria dos motociclistas? Na própria foto da página se vê moto fora da faixa! O que o senhor precisa fazer é pedir aos motociclistas para respeitar as leis de trânsito. De acordo com as leis, deve-se ultrapassar veículos pela direita, não andar no corredor, nem na contramão nem em calçadas.

... **José Ricardo Gazzanel, capital**

Críticas ao ex-presidente Lula são pura hipocrisia

Alguns leitores e jornalistas deste DIÁRIO fazem críticas ao ex-presidente Lula como se ele fosse um "zé-mané". Quando Pele, Roberto Carlos usam nossos aeroportos e artistas estrangeiros vêm ao Brasil, todos têm privilégios. Ai, estes "críticos" calam-se sobre isso, mas, hipócritas, criticam Lula e família, após oito anos no poder, por terem direito a um passaporte diplomático e a alguns dias de férias numa propriedade do Exército. O senhor Luiz Inácio Lula da Silva não é mais um "zé-mané", é um bom ex-presidente da República. Pairem com essas gracinhas e enfiem a viola no saco.

... **José Maria Rodrigues de Saïles, capital**

STF pode se redimir e extraditar Cesare Battisti

Por uma pura questão de alinhamento ideológico, o ex-ministro da Justiça Tarso Genro e o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim decidiram não extraditar Cesare Battisti, com o aval de Lula, que estava preocu-

pado exclusivamente com a eleição de sua protegida. Confiamos que o STF, com fundamento técnico e embasamento jurídico, corrija essa patacoada.

... **Iracema Palombello, Bragança Paulista (SP)**

Big Brother lembra a boíte Bahamas

Tudo o que acontecia dentro da boíte Bahamas somente quem lá estava poderia presenciar. Entretanto, este local foi fechado pela Prefeitura sob alegação de atentado ao pudor. No "BBB" da Rede Globo, tudo o que lá acontece é visto pelo mundo todo, entretanto, nenhuma autoridade constituída desse país se manifesta no sentido de fechar tamanha falta de respeito desse programa. Na minha visão, entendo que o proprietário do Bahamas deve reivindicar a imediata reabertura da sua casa noturna. Afinal, o Bahamas não nos causava tanto mal.

... **Edmundo A. Réa, capital**

Reportagem sobre TV fantasma da Unesp

Diferentemente do que afirma a reportagem "Unesp gasta R\$ 15 mi com TV fantasma" (Dia a Dia, 11/1), não há nenhuma investigação do Tribunal de Contas do Estado sobre aquisição de equipamentos para a TV Unesp. O que há é uma análise rotineira do TCE, a exemplo do que esse órgão faz em qualquer processo de compra da universidade que, por sua vez, já prestou ao TCE as informações solicitadas, inclusive quanto à inexigibilidade de licitação, dentro da lei. Cabe esclarecer que o então diretor da TV Unesp, afastado pela reitoria em setembro de 2010, quando um processo administrativo disciplinar foi instaurado, jamais teve "carta branca" para fazer despesas nem a compra de equipamento foi autorizada "sem maiores explicações".

... **Universidade Estadual Paulista (Unesp)**

Nota da Redação: O TCE pediu informações da compra feita pela TV Unesp. O relator Renato Martins Costa, inclusive, observa o fato de uma empresa ter sido contratada sem licitação e as notas fiscais estarem em nome de outra. Tanto que o ex-diretor tinha "carta branca" da reitoria que a universidade nem sequer sabia dos produtos comprados pela TV ou mesmo que o aparelho que gerou a sindicância, na verdade, estava funcionando. Outro equipamento foi comprado pelo valor de R\$ 260 mil e está sem uso agora.



Descaso com a memória da capital

A Avenida São João, nº 1501, é mais um endereço de uma das belezas da arquitetura antiga da região central de São Paulo, escondida na poluição e no descaso com a memória cultural urbana. Em cima do sobradinho remendado com refugo de cimento tem uma águia de concreto de asas abertas, o bico, e a exemplo do prédio antigo, com o corpo semidestruído. Aos pés do pássaro, lê-se: 1911. No local funciona uma lavanderia.

... **Devanir Amâncio, capital**

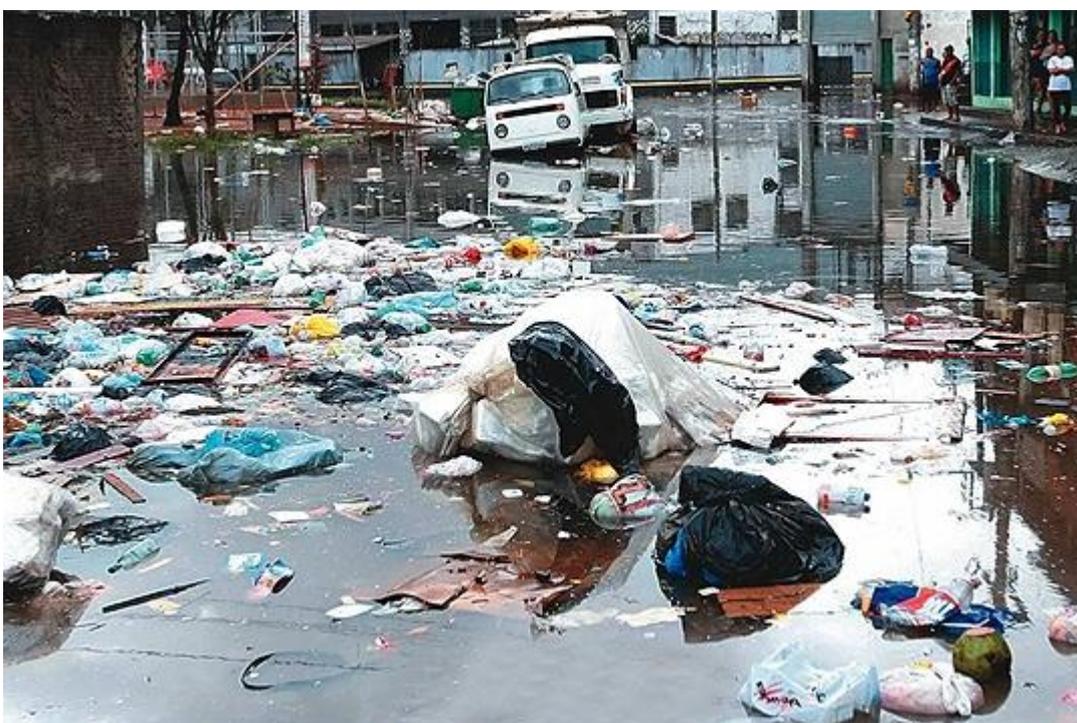
Espaço para o leitor registrar sua queixa e poder ser atendido pelo poder público

Revista Veja

Os podres do nosso lixo

Dos sacos que entopem os bueiros aos papéis “roubados” por piratas, mostramos o que acontece com os detritos jogados fora pelos paulistanos

Por Mariana Barros e Manuela Nogueira | 19.01.2011



Alagamento no Limão, terça de manhã: sacos são um dos vilões das enchentes

por Ernesto Rodrigues/AE

Os sacos que amanheceram boiando no Rio Tietê na última terça-feira (11) eram o lembrete de algo que a cidade não pode varrer para debaixo do tapete. Naquela manhã, os paulistanos viviam a ressaca dos estragos causados por quatro horas de forte chuva na noite anterior. Em questão de minutos, a capital tornou-se intransitável, com 125 alagamentos registrados. Entre os pontos submersos, estavam trechos das marginais Pinheiros e Tietê, onde a água trazia de volta a sujeira descartada nos rios e córregos que ali desembocam. À medida que a água baixava e a imundície secava em calçadas e canteiros, uma coisa ficava mais do que evidente: a íntima relação entre a maneira como tratamos nosso lixo e o

caos que se repete após as chuvas. Lidar com a dinâmica de uma cidade que produz 17000 toneladas de resíduos por dia não é tarefa fácil. Já seria complicado mesmo que os munícipes sempre respeitassem as regras e a prefeitura tomasse todos os cuidados necessários. Imagine então quando nenhum dos lados cumpre sua parte. Moradores se livram do que não querem mais pelas ruas e córregos, além de colocar os sacos na calçada fora do horário da passagem do caminhão. A prefeitura, por sua vez, não oferece alternativa a quem sai de casa muito antes da hora da coleta. Falta fiscalização no descarte de entulho e no término das feiras livres, cuja demora atrasa a limpeza das ruas onde funcionam. São Paulo fica devendo também na reciclagem, que representa a irrisória taxa de 1% do resíduo produzido e que, sem o acompanhamento incisivo do poder público, abre caminho para a ação de aproveitadores. Conheça as partes do quebra-cabeça que fazem do lixo um problema de cada um de nós.

Fernando Moraes



Ponto de descarte irregular de entulho, na Liberdade: centenas espalhados pela capital

O CAMINHO DO LIXO COMUM

Descarte



- A prefeitura recomenda que os sacos sejam postos para fora, no máximo, duas horas antes da passagem do caminhão.
- Quem descartá-los fora do horário estará sujeito a multa de 50 reais se pego em flagrante. Também está prevista punição de até 12000 reais para quem jogar entulho em lugar inapropriado.
- Para os paulistanos que saem cedo ou chegam tarde e precisam colocar o lixo na rua com grande antecedência, só apelando para o vizinho. A prefeitura não oferece alternativa para quem quer evitar que seus sacos saiam boiando na água da chuva.

Coleta



- Duas empresas contratadas pela prefeitura são responsáveis por recolher os sacos produzidos na cidade. A Loga atende o centro e as zonas Oeste e Norte. A Ecourbis, as zonas Leste e Sul.
- Estabelecimentos e empresas que descartem mais de dois sacos grandes por dia (200 litros) não podem usar a coleta municipal. Devem contratar uma empresa particular cadastrada na Limpurb para realizar o serviço.
- Cada caminhão comporta até 12 toneladas prensadas. Para dar conta do volume produzido, faz de três a quatro viagens por dia.
- A bordo de cada veículo há três coletores e um motorista. O piso salarial dos coletores é 804 reais, para uma jornada de oito horas. Eles percorrem cerca de 12 quilômetros ao dia. O zigue-zague para apanhar os resíduos faz com que cheguem a correr 20 quilômetros.

Destinação



- Na Zona Sul e no centro, existem transbordos – estações intermediárias onde os resíduos são despejados antes de atingir seu destino final.
- Com os aterros saturados, a cidade passou a exportar seu lixo para outros municípios. A previsão da prefeitura é inaugurar um novo aterro na Zona Leste neste semestre.
- O aterro São João, na Zona Leste, foi desativado e tem sido usado para a produção de biogás.

Fernando Moraes



“Ladrões” de materiais recicláveis nos Jardins: em busca de produtos para venda, eles deixam um rastro de sujeira

O CAMINHO DO LIXO RECICLÁVEL

Descarte

- Separe embalagens plásticas, papéis, metais e vidros. Lave-os para evitar que os restos atraiam ratos e baratas.
- Coloque-os em um mesmo saco, com exceção dos vidros, que devem ser embrulhados, acomodados separadamente e identificados como material cortante, para evitar acidentes. Em média, a cada dois dias um coletor se corta manejando vidro.
- Verifique no site da Limpurb se sua rua tem coleta de recicláveis. Se não tiver, entregue-os a quem encaminha esses materiais, como escolas, supermercados e postos de gasolina.

Coleta

- Além da prefeitura, carroceiros e veículos apelidados de “morcegões”, devido ao costume de circular à noite, percorrem as ruas em busca de materiais que tenham valor no mercado informal.
- Alumínio é o material mais cobiçado: 1 quilo chega a valer 3 reais. Plásticos (1,30 real por quilo), papel branco (50 centavos por quilo), papelão (45 centavos por quilo) e vidro (30 centavos por quilo) aparecem em seguida. Os preços oscilam conforme a demanda.

Destinação

- Veículos de recicláveis da prefeitura comportam apenas 3 toneladas, em vez das 12 usuais. A compactação é menor para evitar danos aos materiais.
- O carregamento é levado a cooperativas cadastradas na Limpurb. Despejado em uma esteira, ele é separado manualmente. Itens não recicláveis ou muito danificados são descartados. Cada cooperado ganha cerca de 1 000 reais por mês e trabalha oito horas diárias.

Respeite o horário da coleta de seu bairro

Lixo tem horário certo para ser deixado na rua — desrespeito à regra municipal pode render multa de 50 reais

Por Mariana Barros e Manuela Nogueira | 19/01/2011



Rua Queluz, nos Jardins: sacos na calçada mais de uma hora antes do permitido

por Fernando Moraes

Desde abril do ano passado, os paulistanos precisam ficar atentos ao horário do recolhimento do lixo. De acordo com a lei sancionada pelo prefeito Gilberto Kassab, quando o caminhão passa durante o dia os sacos só podem ser deixados na rua com, no máximo, duas horas de antecedência. No caso de coleta noturna, apenas a partir das 18 horas. Os horários em que os caminhões circulam pelas ruas da capital são

divulgados nos sites da prefeitura e das empresas coletoras (Ecourbis e Loga). Quem não seguir a regra está sujeito a multa de 50 reais. O objetivo da lei é deixar detritos expostos às chuvas pelo menor tempo possível e, assim, evitar que causem enchentes, agravem os alagamentos e entupam bueiros.

Ao circular por bairros nobres como Jardins, Itaim, Pinheiros e Perdizes, a reportagem de VEJA SÃO PAULO encontrou diversos condomínios, casas e estabelecimentos comerciais em flagrante desrespeito à lei. Nos locais visitados, os caminhões passam sempre à noite — ou seja, os sacos só deveriam ser deixados na rua a partir das 18 horas. Mas podiam ser vistos nas calçadas sob sol a pino. Na Rua Jesuíno Arruda, no Itaim, por exemplo, encontramos lixeiras abarrotadas em frente a quatro prédios residenciais. Em todos, zeladores e porteiros disseram que o faxineiro estava em férias, que havia saído mais cedo ou mesmo se confundido com o horário. A foto acima, tirada no dia 3, ao lado de um condomínio de alto padrão na Rua Queluz, nos Jardins, é um exemplo do descaso com a lei e com o meio ambiente. Além de exposto por volta das 16h30, o lixo bloqueava a passagem de pedestres. “Acho horrível, uma falta de respeito”, diz a administradora Julia Gomes, que costuma passar pelo local para visitar sua avó. “Ninguém merece esse cheiro.”

Piratas da reciclagem

Ladrões especializados em roubar lixo reutilizável atrapalham o trânsito e espalham detritos pelas ruas

Por Mariana Barros e Manuela Nogueira | 19/01/2011



Cena comum: homem leva material de caçamba na Rua Padre João Manuel

por Fernando Moraes

Todos os dias, uma cena lamentável se repete pelas ruas dos Jardins. Logo após as 18 horas, quando as lojas, os restaurantes e os prédios residenciais têm permissão para colocar seus sacos de lixo na rua, ladrões de papel entram em ação. De olho no dinheiro que é possível obter com a venda do produto a empresas de reciclagem, eles se apropriam de maneira escancarada de um material que pertence à prefeitura. Para comprovar a existência dessa atividade, a reportagem de VEJA SÃO PAULO circulou pelo bairro no fim da tarde do último dia 4 e em cerca de trinta minutos deparou com três ocorrências: na Rua Padre João Manuel e nas alamedas Jaú e Ministro Rocha Azevedo.

Horas antes da passagem dos caminhões oficiais, homens que dirigiam Kombis ou picapes pararam os veículos praticamente no meio da rua, vasculharam com calma o lixo alheio e pegaram todos os itens de papel e papelão. Na “seleção”, deixaram uma trilha de sujeira espalhada pela via. A prefeitura, que teria de fiscalizar a ação dos lixeiros piratas, diz não saber quantos deles agem em São Paulo. Há suspeitas de que alguns desses ladrões façam parte de grupos organizados que chegam a oferecer propina a porteiros de prédios em troca de sacos de lixo. Cenas assim se repetem por toda a cidade, principalmente em regiões que concentram lojas, bancos e escritórios.

A máfia que intimida os catadores

Catador de papel, João não tem sobrenome nem carroça. Na tarde do último dia 5, carregava nos braços e equilibrados sobre a cabeça caixas de papelão e carretéis de tecido descartados por lojas e tecelagens do Bom Retiro, na região central. Sem nada além do próprio corpo para servir de carreta, tentava transportar o material para um ferro-velho em Santa Cecília onde, achava, conseguiria vendê-lo. Há mais de um mês tem sido assim, desde que seu carrinho foi levado, com o que tinha dentro, por um grupo que atua nas imediações do Parque do Gato, no Bom Retiro, às margens do Rio Tamanduateí.

Andre Lessa/AE



Carroça circula pela Zona Leste: ameaça

Na área, próximo a uma favela, opera um centro de compra de recicláveis. Segundo os catadores, os preços praticados ali são inferiores à média do mercado. Ainda assim, muitos se veem obrigados a levar para lá suas mercadorias sob ameaças de violência ou de perder a carroça. “Eu tinha acabado de vender papelão para eles e, na esquina seguinte, me tomaram o carrinho, o que tinha sobrado nele e o dinheiro do meu bolso”, afirma João. Passadas cinco semanas, ele conseguiu juntar 30 reais. Faltam mais 70 reais para ele poder comprar outra carroça. “Se Deus quiser, vou conseguir”, diz.

Conheça histórias de vidas que mudaram com a reciclagem

Diretor de uma das primeiras cooperativas de reciclagem da cidade é um ex-sem-teto

Por Mariana Barros e Manuela Nogueira | 19/01/2011



Olinda e Longo, da Coopere-centro: renda mensal de 1 000 reais

por Fernando Moraes

“Demorou dois anos para o cheiro das ruas sair do meu corpo”, conta o ex-sem-teto Sérgio Longo, 44 anos, que tem um terço de sua vida passado sem endereço certo. Mais difícil ainda, diz, foi voltar a conviver com as pessoas. Hoje, ele é diretor da Coopere-centro, uma das primeiras cooperativas de reciclagem da cidade, com 100 trabalhadores filiados que ganham, em média, 1 000 reais por mês. Essa guinada começou há oito anos, quando Sérgio decidiu largar as drogas. “Sou um ser humano que virou gente”, afirma. Ex-viciado em crack, tem entre os colegas outros ex-usuários de drogas, ex-presidiários e ex-prostitutas. A troca de experiências os encoraja a persistir no trabalho. “Para acabar com a Cracolândia é preciso colocar aquelas pessoas na reciclagem”, acredita.

Estima-se que, atualmente, menos de 1% dos resíduos produzidos pelos paulistanos seja encaminhado para a reciclagem. É pouquíssimo. Em Curitiba, por exemplo, esse volume chega a 23%. Assim como as outras dezenove cooperativas cadastradas pela prefeitura, a Coopere recebe diariamente parte da coleta seletiva. Itens reaproveitáveis são vendidos e o lucro, dividido entre todos os trabalhadores. Os valores variam conforme a demanda do mercado pelo material. Atualmente, 1 quilo de alumínio é vendido em média por 3 reais, o de plástico por 1,30 real (o colorido vale menos que o transparente), o de papelão por 45 centavos e o de vidro por 30 centavos. “Temos guardado parte do dinheiro para melhorar as instalações”, conta a diretora Olinda Silva, 65 anos, apontando alguns buracos na laje. O próximo passo da Coopere é tentar se unir a outras cooperativas para, juntas, terem maior poder de negociação.

ENQUANTO ISSO, EM OUTRAS METRÓPOLES...

O sistema de Barcelona e o envolvimento da população em Curitiba são bons exemplos para São Paulo

Não passam caminhões de lixo no bairro de Lesseps, em Barcelona. Longe de isso ser um problema, trata-se de uma baita solução. Cerca de 30% da capital catalã conta com a chamada coleta pneumática. Nesse moderno sistema, os moradores depositam os sacos de lixo em escotilhas e o material é transportado por uma tubulação subterrânea

até uma central de coleta. A 5 metros da superfície, os detritos de casas, escritórios e hospitais são sugados ao longo de 113 quilômetros de tubos, numa velocidade de 70 quilômetros por hora. Ao chegar à periferia da cidade, o lixo é armazenado em contêineres e levado a uma usina de triagem, ainda mais distante do centro. Latas, papéis e plásticos são reciclados. Enquanto isso, o produto orgânico é transformado em combustível para mover turbinas que produzem eletricidade. Outras vantagens desse modelo são ruas mais limpas, cheirosas e silenciosas. A coleta pneumática funciona em Barcelona desde os Jogos Olímpicos de 1992. Foi criada para servir a Vila Olímpica e hoje atende 324 000 moradores.

No Brasil, uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) mostra que a Região Sul é a que melhor trata a questão da limpeza urbana. Ali, segundo o documento, só 28% do lixo não tem destino adequado — o menor índice do Brasil. Em Curitiba, a coleta seletiva serve de exemplo para São Paulo: atinge 100% dos moradores. Cabe à população separar o resíduo seco do orgânico. Limpo, o lixo coletado pode ser vendido por um preço mais alto às indústrias de reciclagem. “Nosso segredo está na conscientização das pessoas”, afirma José Antônio Andreguetto, secretário municipal do Meio Ambiente. Além disso, em noventa pontos espalhados pela periferia da capital paranaense, 4 quilos de material reciclável são trocados por 1 quilo de alimento. Com essas ações, a coleta cresceu 192% nos últimos cinco anos. Estima-se que 23% do total de resíduos seja reciclado.

Jornal da Tarde

PING-PONG

Vicente Ricardo de Jesus

AGENTE FUNERÁRIO

'Isso aí todo mundo sabia'

Você trabalhou com o Lucas?
Ele é meu ex-patrão.

E você fazia o que lá?
Eu entregava merenda.

Mas qual era a sua função?
Eu era funerário. Mexia com cadáver, com corpo. A gente arrumava o corpo e transportava.

E também levava merenda?
Entregava merenda de dia e trabalhava à noite no serviço funerário.

Mas com o Lucas?
Não, com a Verdurama. Mas o transporte era do Lucas. Uma caminhonete e uma Sprinter.

A mesma caminhonete que usava para transportar cadáver?
Justamente. Todo mundo sabia. A Secretaria de Saúde, a Prefeitura. É porque transporta aquelas panelas meio grandes, aí é fogo, né?

Você não via problema nisso?
Problema a gente via direto, mas vai fazer o quê? Eu era apenas empregado, o mais baixo.

Quando começou?
Trabalhei quatro anos, antes não entregava merenda. Mas é fácil de levantar. É só ligar na Verdurama e pedir notas porque a gente tirava as notas, quilometragem, escola, quantidade de merenda. Tudo por escrito.



FILUPE ARAUJO/AE

João Ribeiro, prefeito de Pindamonhangaba: administração sob suspeita

Funerária tem contrato há 5 anos com Prefeitura

 A funerária de Lucas César Ribeiro, filho do lobista e cunhado do governador Geraldo Alckmin (PSDB), Paulo César Ribeiro, mantém, ao menos há cinco anos, contrato com a Prefeitura de Pindamonhangaba.

Criada em 2003, a atual Velório e Funerária Pindamonhangaba venceu a licitação para operar o serviço funerário financiado pela administração municipal em 2005, início da primeira gestão do prefeito João Ribeiro

(PPS), apadrinhado de Alckmin.

Segundo publicações no Diário Oficial do Estado, três empresas participaram do certame em maio de 2005, mas só a de Lucas foi habilitada. Venceu com a oferta de R\$ 160 por velório. Uma das firmas inabilitadas propôs R\$ 219. O contrato com a empresa de Lucas foi assinado em junho de 2005. Em janeiro de 2006, a Prefeitura elevou o valor unitário em 46,9%, de R\$ 160 a R\$ 235, para "restabelecer equilíbrio econômico-financeiro" do contrato. Procurada desde quinta-feira, a prefeitura informou que levantaria os processos e só responderia ao 'JT' hoje.

A OPINIÃO DE

Enio Moro Junior

DOCTOR EM PLANEJAMENTO URBANO E PROFESSOR DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

Luzes na Avenida Paulista

● O padrão técnico e de qualidade da iluminação pública brasileira é mais uma metáfora do País: se por um lado é sofisticada, monumental e quase universalizada, por outro lado convivemos, na grande maioria do território, com postes das mais variadas alturas, larguras, cores e tipos com seus incontáveis fios pendurados (alugados principalmente para concessionárias de telefonia, dados e TVs a cabo) numa alegoria do mal gosto e da pobreza do espírito público empoderado.

Agora é o momento da São Paulo que dá certo: a iluminação pública da Avenida Paulista está em fase de substituição por nova posteação e lâmpadas de menor consumo energético e melhor qualidade de iluminação e reprodução de cores.

Considero simbólico e positivo que a Avenida Paulista ou outra de domínio coletivo seja a estrela desse processo. A Paulista é uma São Paulo de vitrine: limpa, sedutora, é fotogênica e só faltava ser bem iluminada. Ela é o alter ego de todas as outras ruas da cidade: possui calçadas largas, Metrô, comunicação visual esmerada, acessibilidade, vegetação e, talvez, o mais significativo: possui fiação subterrânea liberando a paisagem como uma maquete eletrônica.

Infelizmente mais uma vez a ação pontual predominou sobre uma política que deveria ser mais ampla. Estaria muito mais confortável se estivesse escrevendo sobre o processo de substituição de lâmpadas em toda a cidade integrado a uma política pública (sim, política pública) de implantação de fiação subterrânea, seja no prazo que for, mas com data marcada e com processo administrativo e de gestão

em andamento.

A substituição das lâmpadas comuns por eficientes tem tudo para ser um sucesso: economiza energia e ilumina mais e melhor. Só esquecemos que essa diminuição do consumo, que segundo a própria Eletropaulo chegará a quase 70%, cria um cenário favorável para que, com a ampliação desse programa, possamos discutir a diminuição de toda e qualquer taxa cobrada sobre a iluminação. Além disso, já existe toda uma rede de energia instalada que ficará subutilizada, ou seja, diminuirá também os custos com manutenção ou desligamento por sobrecarga. Na próxima encarnação quero ser concessionária! Será que sobrou alguma coisa para ser privatizada?

A Paulista é uma São Paulo de vitrine: limpa, sedutora, é fotogênica e só faltava ser bem iluminada. Ela é o alter ego de todas as outras ruas da cidade

Só fica faltando a implantação da fiação subterrânea por todo o território. Tudo bem se essa expansão iniciar-se pelos locais que já está instalada, como a área central da cidade ou a própria Avenida Paulista. Enquanto isso pegarei meus familiares e nossos óculos escuros e passearemos a noite pela Paulista (em horário normal, bem entendido). Mas não entraremos em nenhuma transversal pois poderemos cair das nuvens! ::

Leis para combater lixo e PET na rua são desrespeitadas

Legislação que aumentou multa por jogar entulho não acabou com pontos viciados; e indústria não cumpre regra de redução de garrafas plásticas

**CRISTIANE BOMFIM
TIAGODANTAS**

O excesso de lixo deixado nas ruas da capital é apontado por ambientalistas e engenheiros como uma das causas das enchentes na cidade. Garrafas plásticas, entulho e outros detritos são arrastados pela água das chuvas até córregos, rios e piscinões, onde contribuem para diminuir a vazão dos cursos de água. Nos últimos três anos, duas leis passaram a vigorar com o objetivo de tentar evitar que tanto lixo vá para os rios. A falta de fiscalização permanente e as brechas nos textos, porém, impedem o cumprimento da legislação, segundo especialistas.

A lei 15.244, de 2010, aumentou de R\$ 500 para R\$ 12 mil a multa para quem deixa entulho na calçada. Não conseguiu, no entanto, inibir a ação de pessoas que largam no passeio tudo o que não querem mais. "Se a Prefeitura recolhe o lixo da calçada de manhã, à tarde tem sofá, mesa e entulho de novo", afirmou o motorista autônomo Denilson Bonassi, de 37 anos, sobre a Rua Calixto de Almeida, na Freguesia do Ó, zona norte, perto da casa dele. Quando chove, tudo boia e desce a ladeira.

Para especialistas, aumentar a multa e realizar operações especiais de fiscalização não resolvem o problema. "É claro que a multa num valor alto inibe as pessoas. Mas o problema está na efetividade da fiscalização. Ela tem de ocorrer todos os dias. Hoje as pessoas ainda não sentem medo de serem pegadas, como ocorre, por exemplo, com radares de trânsito", explica Carlos Silva Filho, diretor executivo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

O **Jornal da Tarde** flagrou ainda lixo em ruas como a Eulália Costa de Carvalho, no Limão, zona norte, Praça Donatello, no Glicério, e esquina da Freire da Silva com a Vicente de Carvalho, no Cambuci, região central. A diretora do Movimento Defesa São

Paulo, Lucila Lacreta, diz que a lei é importante, mas "não adianta ter lei se a Prefeitura não se aparelha para aplicar e fiscalizar."

Já a lei 13.316, feita em 2002, que passou a valer em maio de 2009, obriga as empresas que produzem e distribuem bebidas, óleos, lubrificantes, cosméticos e produtos de higiene da capital a dar um fim adequado às embalagens. No Brasil, cerca de 201 mil toneladas de PETs não têm a destinação adequada, segundo a Associação Brasileira da Indústria do PET. "Ou a garrafa vai para o lixão, onde demora centenas de anos para se decompor, ou vai parar em um rio", afirma a coordenadora do projeto Brasil-Canadá para a reciclagem Jutta Gutberlet.

A dona de casa Adinalra Pereira dos Santos, de 47 anos, moradora de Perus, zona norte, sabe como é isso. Vizinha do piscinão do Bananal, já viu a água chegar ao seu quintal em uma enchente em 2010. "Veio saco plástico e um monte de garrafa. Lá dentro, o que mais tem é PET", diz ela. "Duvido que essa lei seja cumprida. Teve uma época que eu separava PET, mas o caminhão vem e leva tudo junto", diz a comerciante Vanda Santos, de 61 anos.

Jutta teme que a aplicação da lei gere ainda mais poluição. "A em-

presa vai sempre pelo caminho mais fácil. Ela pode levar esses resíduos para um incinerador. Em vez de poluir os rios, será o ar."

O ambientalista e doutor em geografia Maurício Waldman concorda com a lei. Ele cita a Conven-

ção de Basileia, que estabelece normas para o transporte de resíduos perigosos e responsabiliza os produtores do lixo. "Quem produz deve ser responsável por dar um fim ao seu próprio resíduo", opina. ■

Indústrias vão à Justiça contra multas

⊗ A Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente notificou, desde o ano passado, 60 empresas que usam garrafas PET como embalagens de seus produtos. Dessas indústrias, 20 foram multadas em R\$ 250 mil por não cumprir a lei que as obriga a dar destinação para a PET. Pelo menos cinco delas recorreram à Justiça e tiveram as punições suspensas, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Refrigerantes (Abir). As empresas ainda têm prazo para recorrer das multas, informou a Prefeitura.

Para averiguar o cumprimento da lei, a Secretaria do Verde envia notificações pelo correio a empresas dos ramos de lubrificantes, bebidas, materiais de higiene e limpeza e cosméticos questionando o que estão fazendo para se enquadrar na legislação. "A empresa deve se manifestar em cinco dias. Caso contrário, será lavrado um auto de multa", informou a pasta, por nota. Após receber as respostas, fiscais visitam os estabelecimentos para verificar as informações.

60 fabricantes de PET foram notificadas desde o ano passado e 20 receberam multa

A Abir entrou com uma ação, em 2009, pedindo que a regulamentação da lei seja mais bem detalhada. "O texto estabelece metas para que a empresa implemente a logística inversa. Em três anos, ela tem que dar destinação para 90% de suas garrafas. Mas a lei não diz como isso será feito. Esses 90% são relativos às garrafas produzidas ou àquelas que os clientes devolverem? Os mercados vão ajudar a recolher as garrafas? A lei é muito vaga nesse sentido", explica o advogado Marcelo Inglez de Souza, representante da Abir. Como exemplo, ele cita o que foi feito pelos alemães.

"Há uma lei semelhante na Alemanha, onde essa questão começou a ser discutida uns dez anos atrás. Mas lá, a meta é 40% de garrafas com destinação adequada até 2020. Ou seja, as empresas tiveram cerca de 20 anos para se adaptar à lei", afirma Souza. Segundo ele, na Alemanha, o consumidor devolve a garrafa limpa e sem rótulo no mercado. Na visão da Abir, a Prefeitura deveria ter feito mais consultas públicas e um estudo de viabilidade econômica antes que a medida vigorasse. ■

Prefeitura já multou 98 pessoas

⊗ Balanço da Secretaria de Coordenação das Subprefeituras mostra que, em seis meses, 98 pessoas foram flagradas em blitz e mais de 100 respondem processo por crime ambiental por descartar entulho na calçada. A pasta afirma que houve redução no número de pontos viciados de descarte de lixo — último levantamento apontava 1.500 locais — e aumento de 54% na entrega de madeira, entulho e materiais como sofá, mesa e cadeira em ecopontos.

"Esta foi uma legislação extremamente eficaz. O aumento da

punição e a intensificação das fiscalizações gerou um retorno positivo da população, que passou a procurar os ecopontos como alternativa legal para se desfazer de materiais indesejados. Com isso evitamos que esses objetos acabassem no sistema de drenagem da cidade", afirmou o secretário de Coordenação das Subprefeituras, Ronaldo Camargo.

O diretor da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), Carlos Silva Filho, explica que para conter o descarte de lixo, que

em dias de chuva entopem bueiros e galerias, além de assorear rios e córregos, a solução tem duas fases. Na primeira, manter limpos os pontos de descarte irregular e fiscalizar. A segunda é criar uma campanha educativa.

"É um horror essa sujeira. Depois, alaga tudo", reclamou a dona de casa Suzana Alves da Silva, de 55 anos, moradora de Santa Cecília, no centro, enquanto desviava de uma pilha de lixo na Rua Ana Cintra. Para ela, a população não tem consciência dos perigos do descarte de lixo na rua. ■



Entulho descartado de forma irregular na Rua Calixto de Almeida, na Freguesia do Ó (acima), e na Avenida Sumaré, próximo ao Viaduto Antártica

LEI DO ENTULHO

➤ A lei 15.244 sancionada pelo prefeito Gilberto Kassab (DEM) em 26 de julho de 2010 aumenta de R\$ 500 para R\$ 12 mil o valor da multa definida na lei 13.478, de 2002, para quem jogar lixo e entulho em áreas públicas. Os valores deverão ser reajustados anualmente pela variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apurado pelo IBGE

➤ Pela lei é proibido o depósito de entulho, terra e resíduos de qualquer natureza, de massa acima de 50 quilos, em vias, passeios, canteiros, jardins e áreas públicas

LEI DAS PETS

➤ A lei 13.316, de 2002, foi sancionada pelo prefeito Kassab em 2009 e torna obrigatório em São Paulo que todas as empresas produtoras e distribuidoras de bebidas, óleos combustíveis, lubrificantes, cosméticos, produtos de higiene e limpeza façam reúso, reciclagem ou recompra das embalagens PET de seus produtos comercializados em São Paulo

➤ Embora esteja em vigor, a lei é alvo de uma ação na Justiça proposta pelas indústrias do setor, que pedem mais tempo para se adaptar à legislação

Garrafas acumuladas na barragem da Usina de Traição, na Marginal do Pinheiros: 201 mil toneladas de PETs não têm destinação adequada no País



Funerária de sobrinho de Alckmin levava merenda, diz ex-funcionário

Empresário de Pindamonhangaba é filho de Paulão, suspeito de chefiar fraude em licitações e pagamento de propina a prefeitos

Fabio Leite

JORNAL DA TARDE

Ex-funcionário da Velório e Funerária Pindamonhangaba, empresa de Lucas César Ribeiro, que administra o serviço na cidade, o agente funerário Vicente Ricardo de Jesus, de 52 anos, relatou ao *Jornal da Tarde* que, no período em que trabalhou no local, fazia transporte de merenda escolar para a Verdurama durante o dia com o mesmo veículo que transportava cadáveres à noite. A prefeitura classifica o fato de "mentira". Lucas é filho do lobista Paulo César Ribeiro, cunhado do governador Geraldo Alckmin.

A Verdurama é investigada pelo Ministério Público Estadual por suspeita de fraude em licitações e pagamento de propina a prefeitos paulistas e outros três Estados. Paulo César, conhecido como Paulão, é suspeito de comandar o esquema no Vale do Paraíba, onde fica Pindamonhangaba, cidade natal do tucano. Ambos negam as acusações.

Em depoimento à promotoria no fim de 2010, o ex-secretário de Finanças de Pindamonhangaba Silvio Serrano disse que a empresa do filho de Ribeiro "fazia transporte de gêneros alimentícios para a Verdurama".

Segundo o Ministério Público, Serrano foi indicado por Paulão ao prefeito João Ribeiro (PPS), apadrinhado de Alckmin que está no segundo mandato – a vice, Myriam Alckmin, é sobrinha do governador. Serrano foi demitido em outubro, após a denúncia vir à tona.

Além da funerária, Lucas também é dono de uma microempresa de transportes, a Lucas CR Transporte e Logística, segundo dados da Junta Comercial. O endereço informado é o mesmo onde outro filho de Paulão, Thiago, declara residência.

Segundo o agente funerário, o

transporte da merenda era feito com os carros da funerária, uma caminhonete e uma van. "Todo mundo sabia. A Secretaria de Saúde, e, claro, a prefeitura também sabia. É porque transporta aquelas panelas meio grandes, aí é fogo, né?", disse.

Ele deixou a empresa em 2008 e hoje trabalha em outra funerária na cidade. "Isso é fácil de levantar. É só ligar na Verdurama e pedir as notas, porque a gente tirava as notas, a quilometragem, a escola, quantidade de merenda que entregava. Tudo por escrito."

Verdurama. Por meio da assessoria de imprensa, a empresa alegou que "desconhece" o fato, mas admitiu ter contratado a empresa CR Transportes para a merenda. Afirmou, ainda, que "lamentamos estar sendo usada como saco de pancada numa disputa política em Pindamonhangaba da qual não faz parte".

A reportagem também ten-

tu contato telefônico com Lucas na funerária e em sua residência, em Pindamonhangaba, mas não o localizou. Gilberto Menin, advogado de Paulão no caso, disse que só tem procuração para defender o pai de Lucas e não se manifestaria sobre o assunto porque o inquérito corre sob sigilo de Justiça. "O que posso dizer é que o Lucas não é alvo de nenhum inquérito e o inquérito do Paulo é sigiloso. Inclusive, o MP já noticiou que vai averiguar por que houve vazamento à imprensa."

Pela assessoria de imprensa, a Prefeitura de Pindamonhangaba negou o relato do agente funerário. "Isso é mentira. Nunca houve transporte de merenda escolar em carro funerário. Isso é boato que surgiu desde 2006. A gente foi atrás e já desmentiu. Houve confusão porque o carro que transporta a merenda é do mesmo modelo e da mesma cor do carro funerário", afirmou.

PARA ENTENDER

A funerária de Lucas Ribeiro – filho do lobista Paulo César Ribeiro, cunhado do governador Geraldo Alckmin – mantém, ao menos há cinco anos, contrato com a Prefeitura de Pindamonhangaba.

Criada em 2003, a Velório e Funerária Pindamonhangaba venceu a licitação para operar o serviço funerário em 2005, início da primeira gestão do prefeito João Ribeiro (PPS), aliado de Alckmin.

Segundo o *Diário Oficial*, três empresas participaram da disputa, mas só a de Lucas foi habilitada. Venceu com a oferta de R\$ 160 por velório. Em 2006, a prefeitura elevou o valor unitário para R\$ 235, para "restabelecer equilíbrio econômico-financeiro".

ENTREVISTA

Vicente Ricardo de Jesus

Ex-funcionário da Velório e Funerária Pindamonhangaba

'Problema a gente via, mas vai fazer o quê? Era empregado'

Vicente Ricardo de Jesus, ex-funcionário da Velório e Funerária Pindamonhangaba, afirmou que fazia transporte de merenda escolar com o mesmo veículo que transportava cadáveres à noite. "Problema a gente via direto, mas vai fazer o quê", disse ele, entrevista. "Eu era apenas empregado."

● **Você trabalhou com o Lucas?**

Ele é meu ex-patrão.

● **E você fazia o que lá?**

Eu entregava merenda.

● **Mas qual era a sua função?**

Eu era funerário. Mexia com cadáver, com corpo. A gente arrumava o corpo e transportava.

● **E também levava merenda?**

Entregava merenda de dia e trabalhava à noite no serviço funerário.

● **Mas com o Lucas?**

Não, com a Verdurama. Mas o transporte era do Lucas. Uma

caminhonete e uma Sprinter.

● **A mesma caminhonete que usava para transportar cadáver?**
Justamente. Todo mundo sabia. A Secretaria de Saúde, a Prefeitura. É porque transporta aquelas panelas meio grandes, aí é fogo, né?

● **Você não via problema nisso?**
Problema a gente via direto, mas vai fazer o quê? Eu era apenas empregado, o mais baixo.

● **Quando começou?**
Trabalhei quatro anos, antes não entregava merenda. Mas é fácil de levantar. É só ligar na Verdurama e pedir notas porque a gente tirava notas, quilometragem, escola, quantidade de merenda. Tudo por escrito.

Temporais aumentam sujeira nas praias paulistas

NÚMERO DE PONTOS IMPRÓPRIOS NESTE VERÃO JÁ ESTÁ PERTO DO RECORDE REGISTRADO PELA CETESB NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. ESGOTO E LIXO SÃO CULPADOS

Os temporais de verão têm provocado uma piora na qualidade das praias paulistas. Nos primeiros dias deste ano, os índices de poluição medidos pela Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) chegaram perto do recorde registrado nos últimos dez anos. Mais da metade das estações de medição espalhadas pelo litoral registraram taxas consideradas impróprias: 80, de 156 pontos.

As águas da chuva levam o esgoto clandestino despejado em galerias pluviais diretamente para o mar. No caminho, ainda arrastam galhos, terra, garrafas plásticas e até lixo orgânico. A sujeira atrapalha a diversão de banhistas e aumenta o risco de surtos de doenças infecto-contagiosas (leia mais abaixo).

"A qualidade das praias tem relação direta com os índices de chuva. Somente nos três primeiros dias de janeiro, choveu mais de 190 mm na Baixada Santista. Esse volume gerou um número atípico de bandeiras vermelhas nas praias. Chegamos perto do índice de 2008, quando registramos o recorde de 83 pontos", disse Claudia Lamparelli, gerente do setor de águas superficiais da Cetesb.

O pico observado neste ano deve-se à situação encontrada na Baixada Santista. Dados do órgão mostram que 54 dos 80 pontos impróprios foram marcados na região. Além da chuva, Claudia ressalta que a região carece de redes de coleta e tratamento de esgoto.

"É preciso lembrar que a população das cidades do litoral aumenta muito nesta época do ano, e mais gente gera mais lixo, mais esgoto. A falta de saneamento básico adequado também colabora porque são muitas as redes clandestinas de esgoto."

(Adriana Ferraz)

No litoral, chuvas são contínuas

A proximidade com o oceano faz com que as cidades litorâneas tenham um clima marcado por chuvas contínuas, que podem durar um dia todo, segundo o meteorologista Marcelo Schneider, do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia). Os córregos, por isso, estão sempre cheios.

Já no inverno, o tempo seco eleva a qualidade das praias. Entre maio e agosto, a Cetesb registra apenas quatro ou cinco pontos impróprios. (AdF)

Poluição aumenta risco de doenças

As enchentes de verão não prejudicam só a qualidade das praias, mas a saúde dos banhistas. Segundo especialistas, basta um contato com a água suja para contrair vírus ou bactérias que causam diarreia e leptospirose.

"Os turistas têm mais chance de ficar doentes", diz o infectologista Ricardo Diaz, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Ele explica que o risco é mais elevado porque as pessoas que moram no litoral já estão expostas e, por

isso, têm mais imunidade.

De acordo com Diaz, a água que vai parar no mar pode estar contaminada por agentes fecais. "Se a bandeira foi vermelha, não dá para entrar na água. É o contato direto com a mucosa, como boca e nariz, que facilita a transmissão", diz. Bactérias que causam leptospirose também podem ser adquiridas nas praias poluídas, por causa do lixo orgânico arrastado com a água. "A comida que fica exposta pode atrair ratos." (AdF)

Sem rede de coleta, metade do esgoto vai parar no mar

Com baixos índices de coleta e tratamento, cerca de metade do esgoto produzido pela população do litoral vai parar no mar. Mais populosa, a Baixada Santista representa o maior desafio para o Estado e também requer os maiores investimentos. Para elevar de 53 para 95% o índice de atendimento, a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico

do Estado de São Paulo) estima gastar R\$ 1,4 bilhão até o final do ano.

No litoral norte, também há números preocupantes — e obras programadas para resultar melhorias somente em 2014. Segundo o superintendente da Sabesp na região, José Bosco Fernandes de Castro, foram entre outros no ano passado 200 km de rede e 40 estações de

bombeamento. "Mas fossas descuidadas, ligações clandestinas e ocupações irregulares podem acender o sinal vermelho nas praias."

Na Baixada Santista, as ligações irregulares são combatidas, segundo a Sabesp, com o apoio das prefeituras. Mas a empresa ressalta que parte da sujeira das praias é ocasionada por fezes de animais e lixo. (AdF)

Feirante não desmonta barraca no horário

DOS 15 LOCAIS PERCORRIDOS PELA REPORTAGEM, 9 NÃO TINHAM ENCERRADO AS VENDAS ÀS 13H, COMO MANDA A PREFEITURA

Um ano depois de a prefeitura antecipar o horário de encerramento das feiras livres da cidade, a norma continua a ser descumprida por boa parte dos feirantes. O **Vigilante Agora** percorreu 15 feiras na semana passada e constatou que 9 não respeitavam os horários.

Em 22 de janeiro de 2010, a prefeitura antecipou o fim das feiras das 13h30 para as 12h30, para que desse tempo de o lixo ser recolhido antes da chuva. Assim, a sujeira não seria levada pela água para os bueiros, causando enchentes.

O decreto também determinava a antecipação do reco-

lhimento do lixo das barracas. Depois de reclamações, o governo municipal permitiu o fim das vendas até as 13h —horário em vigor hoje.

Na época, o **Vigilante** constatou que 13 de 15 feiras tinham barracas que não cumpriam a norma —em sete delas o desrespeito era quase geral.

Agora, a situação não é muito diferente. O caso mais grave foi encontrado na avenida Antenor Navarro, na Vila Medeiros (zona norte). Às 14h, uma hora além do permitido, muitos feirantes ainda comercializavam seus produtos.

A maioria das barracas só começou a ser desmontada às 14h45, e até as 15h30, a rua estava interditada. "Esse horário prejudica. Minhas vendas caíram pela metade. O maior movimento é às 13h", disse uma feirante.

Na zona sul, o vendedor Gustavo Fernandes, 52 anos, que recolheu a barraca no horário, contabilizava os prejuí-

Xepa reduz preço no fim do dia

As barracas aproveitam os últimos minutos para vender seus produtos com desconto. A hora da xepa, como é conhecida, faz o movimento ser maior no final da feira. (VD)

Comerciantes deixam lixo para trás

Muitos comerciantes das feiras visitadas pela reportagem não ensacavam, na semana passada, as sobras caídas na rua. Esse tipo de limpeza, porém, é obrigação dos feirantes, que devem desocupar e limpar o local até as 14h. (TV)

Limpeza sobra para os garis

Por causa do atraso e da irresponsabilidade de parte dos feirantes, a sujeira acaba sendo limpa pelos garis de rua. Eles adiantam o serviço antes mesmo das 14h. (VD)

zos na feira da rua Tapes, no Jardim Aeroporto. "Antes desse horário eu vendia 40 caixas de mamão. Agora, vendo 10. A feira começa mesmo depois das 12h", lamentou.

Na Vila Olímpia (zona oeste), os feirantes começaram a desmontar as barracas depois das 13h30. Os horários de libera-

ção das ruas, por isso, atrasaram, já que muitos caminhões ainda estavam nas vias para desmontagem às 14h50.

A reportagem só encontrou fiscal em uma feira: na rua Martim Francisco, em Santa Cecília, no centro.

(Vinícius Dominichelli e Caio do Valle)

RESPOSTA

Sindicato pede mais tempo para vendas

Para o Sindicato do Comércio Varejista dos Feirantes do Estado de São Paulo, as feiras poderiam ter mais tempo de funcionamento. O presidente da entidade, José Torres Gonçalves, defende que as vendas poderiam ocorrer até as 13h30 em dias de semana e até as 15h aos finais de semana. "Estamos fazendo o possível para sair mais cedo, mas esse horário não é bom", afirma. "A população não consegue chegar até as 13h e, em apenas uma hora não dá para desmontar a barraca e ir embora." Gonçalves ainda diz

que muitos feirantes têm perdido clientes. "Você não pode negar a venda para um cliente que chega em clima da hora. Estamos com prejuízo diário de 50%", conta. "No final da feira, vendemos pelo preço de custo. Agora não dá tempo nem de vender tudo e, por isso, tomamos prejuízo", afirma. Levantamento realizado pelo sindicato afirma que cerca de 20 mil multas de R\$ 500 foram aplicadas pela prefeitura aos feirantes desde o início do ano passado, quando começou a vigorar o novo horário. (VD)

RESPOSTA 2

Prefeitura afirma que fiscalização é rotineira

A Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras afirma que os feirantes que não cumprem os horários ou não organizam o lixo produzido são penalizados com advertência, multa, suspensão da atividade, revogação da permissão de uso e até cancelamento da matrícula. De acordo com informações da prefeitura, cerca de 700 agentes trabalham na fiscalização dos pontos de comércio. A antecipação do horário de encerramento das feiras para as 14h, segundo a pasta, foi

definida para que as ruas fiquem livres das barracas mais cedo, ajudando na liberação do tráfego de veículos, o que inclui o restabelecimento do itinerário de mais de 200 linhas de ônibus na cidade. A prefeitura informa que todos os locais visitados pelo **Vigilante Agora** terão a fiscalização reforçada a partir desta semana. Dados das subprefeituras da capital revelam que mais de 300 multas foram aplicadas nos últimos meses nas mesmas regiões percorridas pela reportagem. (VD)

CENTRO (quinta-feira)

PACAEMBU
Praça Charles Muller
65 barracas
APROVADO COM RESSALVAS

Situação encontrada: Às 13h, os feirantes começaram a desmontar as barracas. Às 14h, poucas ainda não haviam sido desarmadas

SANTA CECÍLIA
Rua Martim Francisco
49 barracas

Situação encontrada: Por volta das 13h25, a maioria das barracas não havia sido desmontada. Uma hora depois, quatro caminhões ainda ocupavam a rua. O lixo não havia sido recolhido no horário. Gari diz que 80% das barracas não ensaca o lixo gerado na feira

BELA VISTA
Rua Pio 12
37 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Oito barracas não haviam sido desmontadas às 13h39. Uma hora depois, quatro caminhões ainda ocupavam a rua. Garis contam que a maior parte do lixo gerado pelas barracas é ensacada por eles e não pelos feirantes



ZONA NORTE (quarta-feira)

JARDIM JAPÃO
Praça Nipon
68 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Por volta das 13h, poucos feirantes começaram a desmontar as barracas. Moradores dizem que é comum o atraso na desmontagem

VILA MARIA
Rua Moreira de Vasconcelos
21 barracas
APROVADO

Situação encontrada: Todos os feirantes já haviam terminado a desmontagem das barracas por volta das 13h25. Eles contam que o movimento é fraco e não compensa ficar até mais tarde

JARDIM BRASIL
Rua Antenor Navarro
114 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Às 14h, os feirantes ainda comercializavam seus produtos. Desmontagem começou por volta das 14h30. Às 15h30, a rua ainda estava interditada

ZONA SUL (quinta e sexta-feiras)



JARDIM AEROPORTO
Rua Tapes
73 barracas
APROVADO COM RESSALVAS

Situação encontrada: Por volta das 13h, poucas barracas estavam sendo desmontadas. Lixo foi recolhido logo após o término da feira

CAMPO BELO
Rua Barão de Jaceguai
46 barracas
APROVADO COM RESSALVAS

Situação encontrada: Poucos feirantes ainda não haviam desmontado suas barracas por volta das 13h15. Às 14h, algumas ainda estavam de pé, mas garis já faziam a limpeza do local

CONGONHAS
Avenida Invernada
19 barracas
APROVADO

Situação encontrada: Por ser pequena, feirantes conseguem se organizar. Às 13h30, apenas duas barracas finalizavam a desmontagem. Às 14h, os garis iniciavam a limpeza da rua

BROOKLIN
Rua Godói Colaço
64 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Às 14h10, barracas ainda estavam montadas. Na esquina com a rua Nicolau Barreto, havia resto de verduras espalhado no chão. Uma gari disse que os feirantes não ensacam o lixo

ZONA LESTE (sexta-feira)

JARDIM MARINGÁ
Rua Mendonça Drumont
101 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Às 14h10, algumas barracas de frutas ainda vendiam seus produtos. Outras finalizavam a desmontagem

VILA CÍSPER
Rua José Gomes Faria
106 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Apenas três barracas de roupas começavam a desmontagem, por volta das 13h10. Feirantes afirmam que a desmontagem começa apenas às 13h30, meia hora após o permitido

VILA RÉ
Rua Municipal
55 barracas
APROVADO

Situação encontrada: Às 13h30, todos os feirantes já estavam finalizando a desmontagem das barracas



ZONA OESTE (quinta-feira)

JARDIM PAULISTA
Rua Capitão Pinto Ferreira
163 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Às 13h15, barracas ainda vendiam seus produtos e havia muito movimento de clientes. Às 14h50, várias barracas estavam desmontadas, mas caminhões ainda estavam na rua

VILA OLÍMPIA
Rua Vahia de Abreu x rua Baluarte
60 barracas
REPROVADO

Situação encontrada: Às 13h37, barracas ainda vendiam seus produtos. Às 14h21, três barracas ainda começavam a ser desmontadas e um caminhão estava atravessado no meio da rua

COMO ERA ATÉ JANEIRO DE 2010	COMO FICOU A PARTIR DE JANEIRO DE 2010	COMO FICOU APÓS AGOSTO DE 2010
Início: 6h	Início: 6h	Início: 6h
Término: 13h30	Término: 12h30	Término: 13h
Liberação da rua: 15h	Liberação da rua: 14h	Liberação da rua: 14h
		As barracas de pastel e caldo de cana podem vender até 13h30. A limpeza deve ser realizada até as 14h

Leis não evitam descarte ilegal de entulho em SP

Legislação que aumentou multa para quem jogar lixo na rua não acabou com pontos viciados; especialistas criticam fiscalização da Prefeitura

**Cristiane Bomfim
Tiago Dantas**

O excesso de lixo deixado nas ruas da capital é apontado por ambientalistas e engenheiros como uma das causas das enchentes na cidade. Garrafas plásticas, entulho e outros detritos são arrastados pela água das chuvas até córregos, rios e piscinões, onde contribuem para diminuir a vazão dos cursos de água. Nos últimos três anos, duas leis passaram a vigorar com o objetivo de tentar evitar que tanto lixo vá para os rios. A falta de fiscalização permanente e brechas nos textos, porém, impedem o cumprimento da legislação.

A Lei 15.244, de 2010, aumentou de R\$ 500 para R\$ 12 mil a multa para quem deixa entulho na calçada. Não conseguiu, no entanto, inibir a ação de pessoas que largam no passeio tudo o que não querem mais. “Se a Prefeitura recolhe o lixo da calçada de manhã, à tarde aparecem sofá, mesa e entulho de novo”, afirmou o motorista autônomo Denilson Bonassi, de 37 anos, sobre a Rua Calixto de Almeida, na Freguesia do Ó, zona norte, perto da casa dele. Quando chove, tudo boia e desce a ladeira.

Para especialistas, só aumentar a multa não resolve o proble-



Freguesia do Ó. Entulho na Rua Calixto de Almeida

ma. “É claro que a multa de valor alto inibe as pessoas. Mas o problema está na efetividade da fiscalização. Ela tem de ocorrer todos os dias. Hoje as pessoas ainda não sentem medo de serem pegadas, como ocorre, por exemplo, com radares de trânsito”, explica Carlos Silva Filho, diretor executivo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pú-

blica e Resíduos Especiais (Abrelpe).

Já a Lei 13.316, aprovada em 2002 e em vigor desde maio de 2009, obriga as empresas que produzem e distribuem bebidas, óleos, lubrificantes e produtos de higiene a dar um fim adequado às embalagens. No Brasil, cerca de 201 mil toneladas de PETs não têm destinação adequada. “Ou a garrafa vai para o lixão, onde demora centenas de anos para se decompor, ou vai parar em um rio”, afirma a coordenadora do projeto Brasil-Canadá para a Reciclagem, Jutta Gutberlet.

A dona de casa Adinalra Pereira dos Santos, de 47 anos, moradora de Perus, zona norte, sabe como é isso. Vizinha do piscinão do Bananal, já viu a água chegar a seu quintal em uma enchente em 2010. “Veio saco plástico e um monte de garrafa. Lá dentro, o que mais tem é PET.”

Em seis meses, Prefeitura multou 98 pessoas por lixo

● Balanço da Secretaria de Coordenação das Subprefeituras mostra que, em seis meses, 98 pessoas foram flagradas em blitze e mais de 100 respondem a processo por crime ambiental

por descartar entulho na calçada. A pasta afirma que houve redução no número de pontos viciados de descarte – último levantamento apontava 1.500 locais – e aumento de 54% na entrega de madeira, entulho e materiais como sofá e cadeiras em ecopontos. “Foi uma legislação eficaz”, garante o secretário de Coordenação das Subprefeituras, Ronaldo Camargo.

Em protesto, fiéis levam lixo a igreja

Comunidade da Lapa exige a volta do posto de coleta seletiva de paróquia

A polêmica em torno da reciclagem de lixo que envolve a comunidade católica da Lapa e a Igreja teve mais um capítulo ontem. Para protestar contra a desativação do posto de coleta seletiva que funcionava em um anexo da Igreja São João Maria Vianney, na Praça Cornélia, moradores levaram à porta da paróquia, durante as missas da manhã de ontem, vários sacos pretos lotados de papelão, garrafas PET, vidro e latinhas. O grupo também pediu a anulação da transferência do padre José Carlos Spínola, que idealizou o projeto.

A discussão, que se estende desde 27 de dezembro, envolveu também o cardeal arcebispo de São Paulo, dom Odilo Scherer, que no sábado rezou a missa das 16h na paróquia e, em seguida, aproveitou para falar sobre o problema com algumas senhoras do bairro.

“Não somos bobos. Sabemos que dom Odilo só chamou es-

sas pessoas para dividir a opinião da comunidade”, afirma a geóloga Ros Mari Zenha. Ela encabeça um abaixo-assinado com 2.600 nomes, entregue ontem ao ex-bispo da Lapa, dom Fernando José Penteado, para que ele o repasse à Cúria.

“Nossa maior indignação é pelo fato de a Igreja ter adotado uma atitude ditatorial. A Cúria determinou a desativação do posto de coleta sem ouvir a comunidade, que sempre é chamada na hora de fazer donativos”, completa o advogado Cyllêneo Pessoa Pereira, que há 10 anos frequenta a paróquia.

DECISÃO TEMPORÁRIA / O posto da igreja funcionava há 13 anos, administrado pela Associação Reciclázaro - uma das primeiras cooperativas de catadores de São Paulo. Lá trabalhavam cerca de 40 pessoas em situação de rua e eram coleta-

das 40 toneladas de resíduos por mês. Quando o padre foi transferido, a associação decidiu desativar o espaço para que o novo pároco não se sentisse pressionado a continuar uma obra de outro padre.

“Esperamos que seja apenas uma decisão temporária”, explica o supervisor geral da associação, Aparecido Martins. Segundo ele, se o novo padre tiver outros planos, a entidade já pensou em alternativas para contornar a situação. “Vamos montar outra cooperativa no Belém e pedir ampliação do espaço de coleta no Pão de Açúcar e na Suprefeitura da Lapa.”

Para os moradores, porém, as medidas não resolvem. “Entre-gávamos o lixo reciclável na igreja só porque havia um projeto social por trás”, diz Ros Mari. O grupo prepara outro protesto, agora diante da Cúria.



Moradores levam sacos de lixo para a porta da Igreja São João Maria Vianney. Próximo passo é ir à cúria



DECISÃO ÚNICA

O advogado Cyllêneo Pessoa Pereira afirma que a maior indignação com a desativação do posto de coleta é porque a Igreja tomou uma decisão sem ouvir a comunidade



Televisão e Rádios

[Falta de iluminação pública causa acidentes](#)

(10:11) - 15/1/2011 (Fonte: JORNAL DA TARDE - SP - Geral - 15/01/2011)

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/ImpressoWeb.aspx?IdClipping=15600811&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=I>

[Manchetes: Comerciantes protestam e levam lixo para igreja na Lapa](#)

(08:52) - 17/1/2011 (Fonte: Rádio Capital AM - SP - Eli Corrêa - 17/01/2011 07:03)

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=15606837&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>

[Âncora comenta sobre desrespeito do horário e lixo causado pelas feiras](#)

(08:29) - 17/1/2011 (Fonte: Rádio CBN AM - SP - Jornal da CBN - 17/01/2011 08:21)

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=15606472&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>